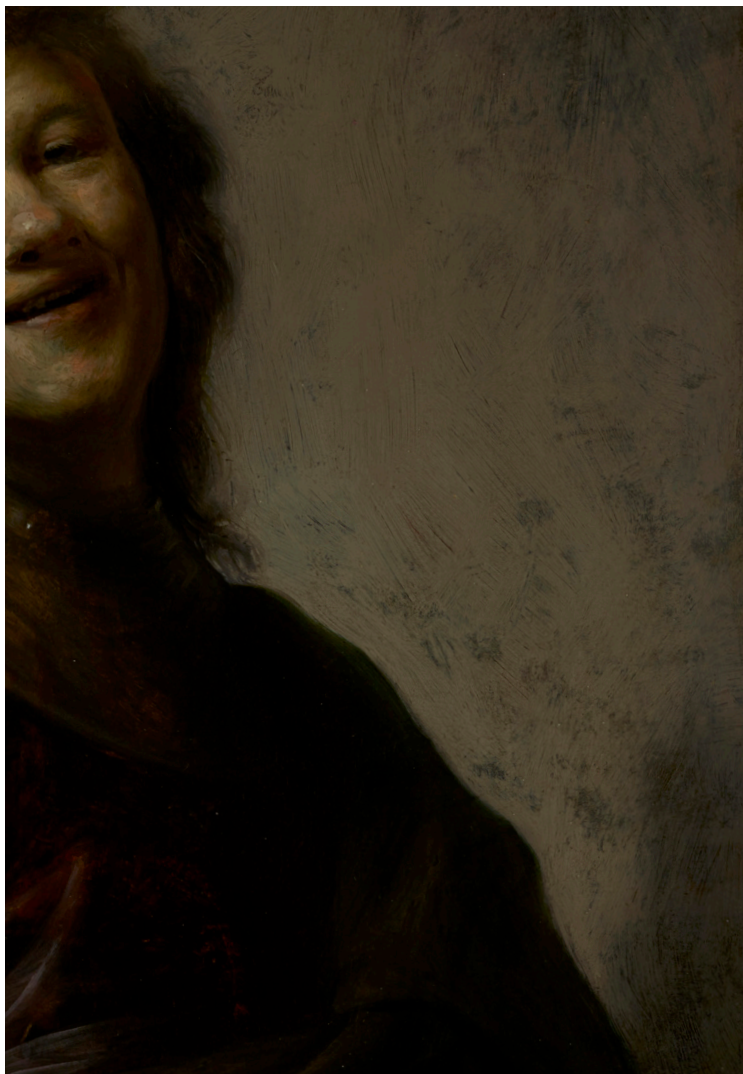


# Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 51 jul-dez 2024 ISSN 1413-6651

IMAGEM detalhe de *Rembrandt rindo* (1628). Na qual Rembrandt van Rijn, residente de Amsterdã e contemporâneo de Espinosa, retrata a si mesmo. A pintura também é conhecida por *O jovem Rembrandt como Demócrito, o filósofo que ri*.

## MISÉRIAS DE UM REI DEPOSTO: O *ENNUI* NA APOLOGÉTICA PASCALIANA

Camila Lima de Oliveira  
Doutora, Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro,  
Rio de Janeiro, Brasil  
limaolive.c@gmail.com

RESUMO: Pascal compara a condição humana à situação de um “rei deposto” (*un roi dépossédé*), um soberano que perdeu seu reino, do qual carrega apenas a reminiscência que revela a dualidade de sua natureza, simultaneamente grande e miserável. Nesse estado paradoxal, em que grandeza e miséria se entrelaçam, a reminiscência de um passado satisfatório e perfeito colide com imperfeições e frustrações do presente, colocando o ser humano em um dilema: a incapacidade de não desejar a verdade e a felicidade e a impossibilidade de alcançar ambas as coisas.

PALAVRAS-CHAVE: Pascal; felicidade; *divertissement*; *ennui*.

## INTRODUÇÃO

*Mais parmi les chacals, les panthères, les lices,  
Les singes, les scorpions, les vautours, les serpents,  
Les monstres glapissants, hurlants, grognants, rampants,  
Dans la ménagerie infâme de nos vices,  
Il en est un plus laid, plus méchant, plus immonde!  
Quoiqu'il ne pousse ni grands gestes ni grands cris,  
Il ferait volontiers de la terre un débris  
Et dans un bâillement avalerait le monde;  
C'est l'Ennui! – l'œil chargé d'un pleur involontaire,  
Il rêve d'échafauds en fumant son houka.  
Tu le connais, lecteur, ce monstre délicat,  
– Hypocrite lecteur, – mon semblable, – mon frère!*

Charles Baudelaire

Em torno da noção de *ennui* gravita uma série de termos de fundamental importância para a apologia do cristianismo empreendida por Blaise Pascal: o repouso, o *divertissement*,<sup>1</sup> a vanidade, o vazio, o abismo e o verdadeiro bem. Ao desenvolver o fragmento Laf. 136, do maço VIII dos *Pensamentos*, intitulado *Divertissement*, Pascal agrupa todos esses conceitos, ficando ali explícito seu entrelaçamento.

Se nos ativéssemos a seu início, onde se encontra a célebre e comentada<sup>2</sup> constatação de que “toda a infelicidade do ser humano decorre de um

1 O termo *divertissement*, comumente vertido para a língua portuguesa como “divertimento”, “diversão” ou “entretenimento”, assinala, nos *Pensamentos* de Pascal, todo tipo de atividade desviante, que impede o ser humano de pensar em si mesmo e de tomar consciência da miserabilidade de sua condição. O *divertissement* pode ser tanto o que denominamos “distrações”, como jogar, viajar, conversar, dançar, etc., – em outras palavras, qualquer entretenimento –, quanto afazeres que poderiam ser vistos como “sérios”, “graves” e “relevantes”, tais como a investigação científica, a arte (música, dança, poesia, pintura, etc.), as atividades políticas e até mesmo a guerra.

2 No poema XXIII (*La Solitude*) dos *Petits Poèmes en Prose* (*Le Spleen de Paris*), escreve

único fato, que é de não saber ficar em repouso num quarto”<sup>3</sup> (Pascal, 1963, Laf. 136, p. 516), não notaríamos, talvez, o sutil reflexo de alguns *Ensaaios* de Montaigne na composição dessa reflexão; essa influência se insinua notadamente com a alusão a um dos episódios da *Vida de Pirro*, de Plutarco (c. 46-c.120), que Montaigne retoma no ensaio intitulado *Da desigualdade que existe entre nós* (I, 42). O que o autor dos *Ensaaios* narra, rememorando o texto de Plutarco, é o seguinte:

[A] Quando o rei Pirro planejava entrar na Itália, Cíneas, seu sábio conselheiro, querendo fazê-lo sentir a inutilidade [vanité] de sua ambição, perguntou-lhe: “Pois bem, senhor, com que finalidade preparais esse grande empreendimento?” “Para tornar-me senhor da Itália”, respondeu ele [Pirro] prontamente. “Feito isso, e depois?” prosseguiu Cíneas. “Entrarei na Gália e na Espanha.” “E depois?” “Irei subjugar a África; e por fim, quando tiver colocado o mundo sob meu domínio, descansarei [je me reposeray] e viverei contente e a gosto.” “Por Deus, senhor”, voltou à carga Cíneas, “dizei-me a que se deve que não estejais desde agora em tal situação, se assim quereis? Por que não vos instalais, já nesta hora no lugar a que afirmais aspirar, e vos poupais tanto trabalho e risco que lançais entre duas?” (Montaigne, 2000, pp. 396-397).

Após essa narrativa, Montaigne faz uma citação pertinente de Lucrécio,<sup>4</sup> outra de Cornélio Nepo, e encerra o referido ensaio. Pascal, ao

Baudelaire: “‘Presque tous nos malheurs nous viennent de n’avoir pas su rester dans notre chambre’, dit un autre sage, Pascal, je crois, rappelant ainsi dans la cellule du recueillement tous ces affolés qui cherchent le bonheur dans le mouvement et dans une position que je pourrais appeler *fraternitaire*, si je voulais parler la belle langue de mon siècle”. Madame de Sévigné comenta, numa carta de 29 de setembro de 1679, endereçada à filha: “Pascal dit que tous les maux viennent de ne pas savoir garder sa chambre. J’espère garder si bien ce jardin et cette forêt qu’il ne m’arrivera aucun accident” (cit. p. B. Beugnot, 1988, p. 57).

3 “Tout le malheur des hommes vient d’une seule chose, qui est de ne savoir pas demeurer en repos dans une chambre”.

4 A citação é: *Nimirum quia non bene norat quae esset habendi/Finis, et omnino quoad crescat vera voluptas.*

evocar essa passagem dos *Ensaïos*, sucintamente diz: “O conselho que se dava a Pirro, de adotar o repouso que ele ia buscar através de tantos desgastes [*fatigues*], deparava com muitas dificuldades” (Pascal, 1963, Laf. 136, p. 516). O primeiro ponto a analisar nessa frase é o seguinte: se, para Pascal, o conselho dado a Pirro por Cíneas apresentava “muitas dificuldades”, devemos perguntar que dificuldades eram essas. Se quisermos partir do texto de Montaigne, a trilha que encontraríamos nos *Ensaïos* seria, em primeiro lugar, a ideia contida na citação de Lucrécio, feita logo após a narração do episódio da *Vida de Pirro*, segundo a qual devemos estabelecer um limite para os nossos desejos – e aqui encontramos uma lição montaigniana de teor estoico – e saber até onde vai o verdadeiro prazer. Partindo do que exprimem outros textos dos *Ensaïos*, o que Montaigne parece querer fazer notar, ao trazer essa pequena história, é que devemos ter comedimento com as nossas vontades, bem como com os nossos sentimentos, que muitas vezes nos conduzem para além de nós mesmos e nos “roubam a percepção e o exame do que é, para entreter-nos com o que será” (Montaigne, 2000, p. 20). No terceiro capítulo<sup>5</sup> do livro I e no décimo capítulo<sup>6</sup> do livro III, em especial, Montaigne explora bastante essas questões.

No ensaio *De poupar a vontade – De ménager sa volonté* (III, 10) –, encontramos reflexões que parecem complementar o sentido ou a lição que podemos extrair do diálogo entre Pirro e Cíneas. Nele, Montaigne fala de pessoas que não têm vida quando não estão em uma agitação tumultuosa [*sont sans vie quand [...] sont sans agitation tumultuaire*], que tais pessoas “[C] procuram o trabalho só para ter trabalho”, pois não conseguem reter-se, e que “[B] seu espírito procura descanso no movimento, como as crianças no berço” (Montaigne, 2001, p. 330).

“Aparentemente, é porque ele não conhecia bem os limites que se deve impor aos desejos e não sabia até onde vai o verdadeiro prazer” (Lucrécio, V, 1431). Montaigne, 2000, p. 397.

5 “Nossas afeições deixam-se levar para além de nós” [*Nos affections s'emportent au-delà de nous*].

6 “De poupar a vontade” [*De ménager sa volonté*].

Tais ideias de Montaigne parecem, por um lado, convergir bastante com a argumentação que Pascal procura desenvolver no fragmento sobre o *divertissement*; é preciso dizer, todavia, que as interpretações de ambos guardam suas diferenças. Em seu discurso, Montaigne usa certas fórmulas que não encontraríamos sob a pena de Pascal. Quando dá seus exemplos de “pessoas” que buscam a agitação, o movimento, e que são demasiadamente desejantes, cúpidas, que exercem com prodigalidade sua vontade, Montaigne isenta-se dessa categoria e faz questão de que essa isenção seja notada: “Assumo uma feição totalmente oposta. Fecho-me em mim mesmo, e habitualmente desejo frouxamente o que desejo, e desejo pouco; ocupo-me e atarefo-me da mesma forma: raramente e calmamente” (Montaigne, 2001, p. 330).

Quando afirma que o conselho que se dava a Pirro (de adotar o repouso que ele pretendia atingir através de tantos desgastes) deparava com muitas dificuldades, Pascal o faz tendo em mente não apenas o rei do Épiro nem somente sua “insaciável cupidez”. Para ele, os seres humanos, de modo geral, não podem buscar senão o movimento, a agitação, o tumulto ou, em última instância, o *divertissement*, pois quando se encontram em repouso são tomados pelo desprazer e pela infelicidade, que consistem na reflexão que têm ocasião de realizar sobre suas vidas e na visão mais franca, menos dissimulada e angustiante de seus próprios eus. Assim, o “sábio” Cíneas, quando pergunta a Pirro: “Por que não vos instalais, já nesta hora, no lugar a que afirmais aspirar, e vos poupais tanto trabalho e risco [...]?” (Montaigne, 2000, p. 397) – ou seja, “por que não adotais o repouso, em vez de ficar nessa agitação frenética?” –, testemunharia, aos olhos de Pascal, não ser tão sábio assim, pois negligencia algo fundamental, que é o fato de não só Pirro, mas qualquer ser humano ser incapaz de seguir o repouso: “Nossa natureza está no movimento; o pleno repouso é a morte” (Pascal, 1963, Laf. 641, p. 588).

Pirro teria uma argúcia maior que a de Cíneas ao reconhecer essa necessidade comum a todos os seres humanos. Mas seria ele, por isso, o verdadeiro merecedor do título de sábio, atribuído a Cíneas no relato de Plutarco, retomado por Montaigne? Também não, pois se falta razão a Cíneas

em seu questionamento da não adoção do repouso por Pirro, considerando que este poderia proporcionar satisfação para seu rei, é pertinente sua observação da “inutilidade (*vanité*)” das pretensões do monarca. Cíneas sabe que mesmo que Pirro conquiste tudo o que deseja ele será incapaz de dar-se por satisfeito e feliz; o que o rei desconhece, pois acredita piamente que quando obtiver tudo o que deseja, quando tiver conquistado o mundo todo, irá “repousar” e viver contente e a seu bel-prazer.

A busca do movimento, a não adoção do repouso, não parece ser, para Pascal, uma questão de opção, de escolha. O ser humano não sabe permanecer em repouso, e esse “não saber” não significa algo que ele não cultivou, que não quer, ou que não se pôs ainda em condições; esse “não saber” significa que ele é, por sua própria compleição natural, incapaz, que ele não pode permanecer em tal estado. É uma questão de condição essencial, como indica o fragmento Laf. 143: “Estamos repletos de coisas que nos lançam para o exterior” (Pascal, 1963, p. 519). Daí as diversas agitações às quais os indivíduos se submetem. Ao dizer que o conselho que se dava a Pirro apresentava “muitas dificuldades”, Pascal tem em mente tudo o que implica para nós a ausência de movimento: o repouso não nos conduz à felicidade, à tranquilidade, mas nos apresenta, antes, o estado de espírito mais difícil de ser suportado pelo ser humano: o *ennui*.

#### O ENNUI DE PASCAL

O *ennui*, enquanto um conceito que possui um sentido específico no léxico pascaliano, requer um esforço para compreendê-lo em seu contexto de emprego, afastando os sentidos que poderiam ser mais próximos e imediatos, como é o caso de possíveis equivalentes na língua portuguesa para o termo, como “angústia” e “tédio”. Considerando que estamos lidando com um texto do século XVII, não podemos nos ater aos sentidos que são mais próximos e familiares a nós contemporaneamente. Isso feito, temos então a tarefa de buscar as possíveis acepções desse *ennui* de que fala Pascal, a fim de o entendermos mais adequadamente.



Nos dicionários do período, encontramos as seguintes definições: “Ennuy”: “Incômodo, moléstia, ódio, descontentamento, desgosto, saturação, melancolia, tédio (*taedium*)” (Nicot, *Thresor de la langue française*, 1606); “Ennui ” : “s.m. Aflição, aborrecimento que algum fato provoca” (Furetière, *Dictionnaire Universel*, 1690); “Ennuy”: “s.m. Lassidão mental, causada por uma coisa que desagrade por ela própria ou por sua duração[...] Significa também, em termos gerais, aborrecimento, tristeza, desprazer, preocupação” (*Dictionnaire de l’Académie française*, 1ère ed., 1694).

As acepções da época, que caracterizam o *ennui* como aborrecimento (*fâcherie*), aflição (*chagrin*), preocupação (*souci*), descontentamento (*déplaisir*), são suficientes para nos impedir de reduzir sua compreensão, entendendo-o meramente como “tédio” e outros equivalentes. O *ennui*, como indicado acima, guarda uma estreita relação com outros termos centrais do pensamento pascaliano: o *divertissement* – pois é para escapar à sensação do vazio, suscitada pelo *ennui*, que o ser humano busca divertir-se,<sup>7</sup> e é também o *divertissement* que impede a busca de uma saída sólida do *ennui*, pois o que a ação de *divertir* propõe é apenas uma solução temporária e superficial para um problema profundo, que se faz permanentemente presente<sup>8</sup> –; o *reposo* – que faz emergir o *ennui*, pois o ser humano é incapaz de experimentar sem desprazer uma condição de quietude, a qual dá ensejo para que ele considere a si mesmo, contemple seu nada e suas insuplantáveis necessidades –; e a ignorância do *verdadeiro bem* (*vrai bien*), uma vez que, pelo seu desconhecimento, o ser humano tende a supor que encontrará a satisfação verdadeira e a felicidade real nas atividades às quais se dedica.

Pascal propõe que nesse impetuoso lançamento no exterior, nessa agitação tumultuosa, o ser humano pretende, ao mesmo tempo, buscar algo e se livrar de alguma coisa: buscar um remédio para as misérias sentidas e se

7 No sentido de desviar-se de si.

8 Nessa mesma direção, Jean Mesnard (1993, p. 192) apresenta o *divertissement* como “um meio de dissimular o vazio sem preenchê-lo”.

livrar da possibilidade de elas voltarem a se fazer notar, de voltarem a se impor à sua consciência. Buscas ambas elas vãs. Sendo o *ennui* uma condição essencialmente humana, ou, como diz Pascal, um estado próprio de nossa compleição<sup>9</sup> na condição de corrupção, ele sempre estará pronto para se manifestar, especialmente nas ocasiões em que não estamos nos distraíndo, em que não estamos envolvidos em um *divertissement*.

#### VENENO OU ANTÍDOTO?

No fragmento Laf. 622, intitulado *Ennui*, Pascal cataloga assim o conjunto de sentimentos que o *ennui* reúne:

Nada é tão insuportável para o ser humano quanto estar em um pleno repouso, sem paixões, sem tarefas, sem *divertissement*, sem aplicação. Ele sente logo seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio. Instantaneamente sairá do fundo de sua alma o *ennui*, a escuridão, a tristeza, a aflição, o despeito, o desespero. (Pascal, 1963, pp. 586-587).

Acompanham a descrição pascaliana do *ennui* todas as sensações que com ele emergem, tudo o que advém com a impressão das nuances do nada. Mas se nenhuma outra sensação parece ser, para o ser humano, tão hostil quanto essa da manifestação de seu vazio interior, é justamente por seu caráter adverso, que provoca ódio (o termo *ennui* deriva do baixo latim *inodiō, inodiāre*), que o *ennui* pode ser interpretado como um aliado ou, por assim dizer, um coadjuvante da argumentação apologética de Pascal.

Após mostrar a inconsistência e a incapacidade da sabedoria profana – dos sábios, como Cíneas (e essa categoria também compreenderia os filósofos), e das pessoas comuns (*le commun des hommes*) – na tarefa de

9 A esse respeito, ver Telma Birchall (1993, p. 59).

garantir uma boa orientação no mundo quando se trata da busca do sumo bem (a filosofia estoica nos sugere o recolhimento interior para encontrarmos o repouso e a felicidade e a recomendação malogra: só encontramos motivo de insatisfação em nós mesmos; outros aconselham que recorramos ao exterior e busquemos a felicidade num *divertissement* e a alternativa também fracassa – vêm do exterior diversas perturbações, dentre elas as doenças, e não podemos evitá-las), Pascal pode afirmar que a felicidade não está nem dentro nem fora de nós, mas não nega, entretanto, que ela seja possível de ser alcançada. Ela existe e está, conforme diz, “dentro e fora de nós”, ou seja, em Deus (Pascal, 1963, Laf. 407, p. 549), cuja graça – ideia derivada da teologia agostiniana, que desempenha um papel fundamental no estado de corrupção da natureza, enquanto “um dom de Deus que, transmitido para o mais íntimo do homem (o coração), determina infalivelmente a vontade humana a se unir à divina” (Oliva, 2012, p. 39) – seria o único meio de ruptura desse dialeto de penas e frustrações no qual o ser humano se vê enredado, pois “quer seja atividade ou repouso, a vida, tal como a encara Pascal, se resume num processo muito simples: inelutavelmente ela desemboca no *ennui*” (Kuhn, 1969, p. 660).

Em Laf. 414, o *ennui* aparece como uma circunstância vantajosa para a manifestação dessa graça, encontrando, não obstante, o *divertissement* como entrave:

#### Miséria

A única coisa que nos consola de nossas misérias é o *divertissement*, e, no entanto, é a maior de nossas misérias, pois é isso que nos impede principalmente de pensar em nós, e que nos põe a perder insensivelmente. Sem isso estaríamos no *ennui*, e esse *ennui* nos impeliria a buscar um meio mais sólido de sair dele, mas o *divertissement* nos distrai [nous amuse] e nos faz chegar insensivelmente à morte (Pascal, 1963, p. 549).

A explicação da impossibilidade de o repouso ser assumido, embora desejado pelo ser humano, é feita com base na doutrina cristã de acordo com a qual natureza humana foi corrompida, passando a destoar de seu estado

originário. De acordo com o livro de *Gênesis*, Adão, o primeiro homem, fazendo uso de seu livre-arbítrio, apartou-se de seu criador, por seu orgulho e por crer-se senhor de si e dos privilégios que lhe eram atribuídos exclusivamente por sua consonância com Deus, passando a viver entregue a si mesmo e às suas próprias forças, ingressando num estado miserabilidade e impotência. Adão teria tido uma condição natural de grandeza, vivendo em harmonia com Deus, tendo acesso a uma verdade inequívoca e a uma felicidade certa, sem apresentar, em seu espírito, qualquer carência, visto que todas as suas necessidades eram supridas pelo ser que lhe deu origem. No entanto, o pecado o afastou de Deus; junto a esse afastamento, Adão viu nascer diante de si uma condição de miséria que lhe era, até então, desconhecida. O ato adâmico corrompeu sua natureza originária e afetou toda a sua descendência, isto é, toda a humanidade, que herdou as mazelas desse desditoso ancestral. Desse modo, Adão e seus descendentes passaram a carregar o sinal do pecado e tudo o que com ele advém: a perda da perfeição, marcada pela posse da verdade e da felicidade, e a ruptura do contato direto com Deus, que se tornou oculto (*absconditus*) aos olhos dos seres decaídos. Para que Deus volte a se mostrar para esses seres, é necessário que algo de caráter extraordinário, miraculoso, tenha lugar: a graça divina, expressa através da figura de Cristo, que por ter sido concebido sem pecado, segundo o dogma cristão, não foi maculado com a herança adâmica e, através de seu ato sacrificial, deu aos eleitos por Deus a chance de redenção.<sup>10</sup>

10 Pascal sintetiza esse ponto de vista no fragmento A. P. R., no qual a própria sabedoria divina comunica a existência dessas duas naturezas, a originária e a corrompida, e assinala as disparidades entre elas: “N’attendez point, dit-elle, ô hommes, ni vérité ni consolation des hommes. Je suis celle qui vous ai formés et qui peut seule vous apprendre qui vous êtes. Mais vous n’êtes plus maintenant en l’état où Je vous ai formés. J’ai créé l’homme saint, innocent, parfait. Je l’ai rempli de lumière et d’intelligence. Je lui ai communiqué ma gloire et mes merveilles. L’œil de l’homme voyait alors la majesté de Dieu. Il n’était pas alors dans les ténèbres qui l’aveuglent, ni dans la mortalité et dans les misères qui l’affligent. Mais il n’a pu soutenir tant de gloire sans tomber dans la présomption, il a voulu se rendre centre de lui-même et indépendant de mon secours. Il s’est soustrait de ma domination et, s’égalant à moi par le désir de trouver sa félicité en lui-même, je l’ai abandonné à lui, et révoltant les

A narrativa cristã da queda é lida de maneira lancinante por Pascal, ao conceber o ser decaído como um “rei deposto” (Laf. 116-117). Esse apelo à figura do *roi dépossédé* constitui um momento central da apologia pascaliana da religião cristã, pois essa imagem de um ser que em um momento desfrutava de um reino e em outro vê-se despojado de todos os seus bens concilia, de modo cabal, a *dignitas* e a *miseria hominis*, sintetizando a maneira como Pascal compreende a natureza humana, a saber, como uma natureza dupla, a um só tempo grande e miserável. Vivendo uma condição de miséria depois de ter experimentado uma condição de grandeza, da qual ainda carrega os vestígios e a lembrança, o rei deposto de Pascal estará condenado, por essa lembrança, a um estado de perpétua nostalgia e de constante insatisfação pela incapacidade de consolar-se com suas misérias presentes e de dar como esquecido o elevado estado em que se encontrava em sua condição passada. Essa reminiscência do reino perdido é o que desautorizará qualquer outra doutrina, além da cristã – única a conhecer nossa grandeza e nossa miséria –, a orientar a busca humana pelo verdadeiro bem.

Uma adaptação dessa temática para o cinema explicita exatamente o encadeamento pascaliano da busca humana do sumo bem, da necessidade da graça (manifestada sobretudo através da figura de Cristo, mediador da relação do ser humano com Deus e restaurador da condição de grandeza), da adoção do *divertissement* e da sensação de *ennui*. O cineasta Éric Rohmer (1920-2010), cujas obras abordam diversas questões do pensamento

créatures qui lui étaient soumises je les lui ai rendues ennemies, en sorte qu'aujourd'hui l'homme est devenu semblable aux bêtes et dans un tel éloignement de moi qu'à peine lui reste-t-il une lumière confuse de son auteur, tant toutes ses connaissances ont été éteintes ou troublées. Les sens indépendants de la raison et souvent maîtres de la raison l'ont emporté à la recherche des plaisirs. Toutes les créatures ou l'affligent ou le tentent, et dominent sur lui ou en le soumettant par leur force ou en le charmant par leur douceur, ce qui est une domination plus terrible et plus injurieuse. Voilà l'état où les hommes sont aujourd'hui. Il leur reste quelque instinct impuissant du bonheur de leur première nature, et ils sont plongés dans les misères de leur aveuglement et de leur concupiscence qui est devenue leur seconde nature” (Pascal, 1963, Laf. 149, p. 520).

pascaliano, estando no centro delas o tema da “Aposta” em Deus,<sup>11</sup> ilustra esse dilema exposto por Pascal no filme *Conto de Inverno* (1992),<sup>12</sup> que integra sua série de *Contos das quatro estações*.

No filme, a protagonista Félicie começa sua história vivendo um grande amor com Charles; os dois experimentam momentos da mais plena felicidade, vivendo de maneira imperturbável e harmônica, tendo o cenário de uma praia como seu paraíso particular. Num dado momento, Félicie comete um lapso (metáfora para a queda adâmica) que a afastará de Charles e impedirá, durante grande parte de sua trajetória narrada na obra, seu reencontro com ele. Daí em diante, ela guardará consigo apenas a lembrança (reminiscência) desse amor.

Impossibilitada de ter novamente a felicidade e o preenchimento interior, presentes no amor que experimentara outrora, Félicie vê-se descontente e frustrada, pois nada é capaz de assumir o lugar de Charles em seu coração nem de preencher o vazio deixado, por sua perda, em sua vida. Tendo perdido o amor verdadeiro, Félicie engata alguns romances, nos quais tenta satisfazer-se ora física, ora intelectualmente. Depois de tentativas vãs de encontrar contentamento em outras pessoas e coisas que não Charles – um longo período de *divertissement* –, Félicie surpreende-se numa situação irremediável de aflição e desprazer – em termos pascalianos, de *ennui*. Nesse momento em que se dá conta de que nenhum *divertissement* propiciará a felicidade e a completude que podia encontrar quando estava junto de Charles, um momento de conscientização do caráter insuperável do *ennui*, Félicie é conduzida por sua filha – desempenhando aí um papel de figura mediadora, assim como Cristo desempenhará para Pascal – a uma igreja, onde tem uma espécie de “iluminação” ou “graça”, que a faz perceber que nada poderá ocupar o lugar de Charles em sua vida e que apenas o reen-

11 Em *Minha noite com ela* (*Ma nuit chez Maud*), 1969, filme da série de *Contos Morais* de Rohmer, a “Aposta” de Pascal é discutida diversas vezes pelo católico Jean-Louis (Jean-Louis Trintignant) e o professor de filosofia Vidal (Antoine Vitez).

12 Maia Neto (1996) apresenta uma excelente leitura desse filme.

contro com esse amor poderá trazer de volta a satisfação e a felicidade que um dia conheceu; a partir daí, Félicie pode ter a esperança de reaver o que seria, para ela, seu “verdadeiro bem”.

A narrativa de Rohmer, embora se dê sob uma perspectiva contemporânea e secularizada (Charles, símbolo do amor e da felicidade que a personagem Félicie pretende reencontrar é um homem e não uma divindade, mas, sob um ponto de vista pascaliano, desempenharia o mesmo “papel” que o Deus de Pascal tem nos *Pensamentos*), ilustra bem a argumentação central da apologética pascaliana, segundo a qual trazemos conosco uma “imagem da verdade” e uma “ideia da felicidade” que se mostram de impossível alcance quando buscadas no mundo das concupiscências ou dos prazeres, quer sejam eles sensíveis (da carne) ou intelectuais (dos olhos<sup>13</sup>).

A história de Félicie mostra como o vazio exposto pelo *ennui*, apesar de capaz de conduzir ao desespero, seria uma situação facilitadora da graça, pois “é somente a partir da consciência profunda de nossa insuficiência que podemos esperar qualquer gesto de Deus” (Leopoldo e Silva, 2001, p. 38). Na apologética pascaliana, para triunfamos sobre o *ennui*, qualificado por Baudelaire como o “tirano do mundo”<sup>14</sup>, precisamos voltar nossa face para o abismo que nos consterna a alma e para a escuridão que nos envolve; só o enfrentamento dessas “trevas impenetráveis” (Laf. 400), entre as quais a luz divina brilha para aqueles que buscam encontrá-la, possibilita que a graça seja obtida. O *ennui*, segundo Pascal, é um estado que não pode ser superado sem algum tipo de auxílio extraordinário, pois está diretamente

13 A referência aos olhos, aqui, se deve ao papel que o sentido da visão exerce em todo e mais básico conhecimento, que, segundo uma tradição da qual Santo Agostinho faz parte, é também uma concupiscência. Ver, a esse respeito, Mesnard (1988).

14 O *ennui*, assim como outros temas dos *Pensamentos* de Pascal, como o abismo (*gouffre*), aparece com frequência sob a pena de Baudelaire. No poema “Une mort héroïque”, presente nos *Petits Poèmes en Prose (Le Spleen de Paris)*, o poeta caracteriza o *ennui* como “tirano do mundo”: “ Il ne connaissait d’ennemi dangereux que l’Ennui, et les efforts bizarres qu’il faisait pour fuir ou pour vaincre ce tyran du monde lui auraient certainement attiré, de la part d’un historien sévère, l’épithète de ‘monstre’...”. Cf. Baudelaire, 1926, p. 92.

relacionado com a reminiscência que todo ser humano traria em si, na condição de rei deposto: “Pois quem se acha infeliz por não ser rei senão um rei deposto?” (Pascal, 1963, Laf. 117, p. 513).

Assim como Félicie – a personagem de Rohmer, que conheceu o verdadeiro amor e a verdadeira felicidade – é incapaz de encontrar satisfação em experiências que não são equivalentes à vivência que teve com Charles, a qual ela traz na memória, no coração, o ser humano descrito por Pascal, que já possuiu um reino de beatitude e perfeição e tem dele a imagem, a ideia, não pode comprazer-se com as misérias de sua condição nem achar que essa grandeza passada encontra-se íntegra, absoluta, em sua natureza presente, depois de ter decaído desse glorioso império que lhe pertenceu.

Essa reminiscência ou, antes, essa ideia de que nos encontramos despojados de bens que nos puseram, em outro momento, em condições de excelência (pois desfrutávamos da certeza e da beatitude inequivocamente) é o que deve nos impedir tanto de adotar uma postura presunçosa, de supor que podemos erigir um novo reino nas atuais circunstâncias e usufruir de privilégios que já não estão em nossa posse, como assumir uma postura de conformação, de adaptação ou, tal como Montaigne, de indiferença (*non-chalance*) ante uma questão que deve ser vista como sendo de fundamental importância para nós, já que trata daquilo que deve ser, na vida, o nosso principal interesse, a saber, a felicidade.

A leitura pascaliana da filosofia se estabelece como um importante e original momento da história das ideias por afirmar, de modo categórico, que a concepção filosófica da vida frustra as mais básicas aspirações humanas: conhecer a verdade e alcançar a felicidade. Nenhuma doutrina seria capaz de satisfazer essas duas necessidades fundamentais do ser humano e por isso o saber filosófico não deve assumir uma prerrogativa em face do pensamento comum e da moral ordinária dos indivíduos, pois tanto um quanto outro tenderão sempre à parcialidade, a se constituir como uma meia-verdade e por isso fracassar. Esse fracasso mesmo mostra-se de suma importância para Pascal, pois a partir dessas experiências sem êxito, aquele que não busca a Deus ou que está ainda disposto a encontrar sua felicidade no âmbito dos



prazeres intelectuais ou dos sentidos, que é a quem Pascal visa, na Apologia, fica mais disposto a recorrer a outra instância e tentar buscar o verdadeiro bem fora e dentro de si mesmo. Com essa mesma intenção, a sabedoria divina no fragmento A. P. R instrui: “É em vão, ó, homens, que buscais em vós mesmos o remédio para as vossas misérias” (Pascal, 1963, Laf. 149, p. 520).

Aí reside todo o otimismo pascaliano. Pascal, que foi comparado por seu diretor espiritual a certos “médicos hábeis, que, pela maneira apropriada de preparar os maiores venenos, sabem extrair deles os maiores remédios” (Pascal, 1994, p. 128), que provou o extraordinário da experiência mística, instauradora de “certeza [...], alegria e paz” (Pascal, 1963, Laf. 913, p. 618), tem, afinal, a nos dizer que o *ennui*, assim como as situações mais desesperadoras da vida humana, só pode ser suplantado por um sentimento mais profundo e superior: a fé, na qual é possível encontrar alento, redenção e alegria.

## WRETCHEDNESS OF A DEPOSED KING: THE ROLE OF *ENNUI* IN PASCALIAN APOLOGETICS

**ABSTRACT:** Pascal compares the human condition to the situation of a “deposed king” (*un roi dépossédé*) – a sovereign who has lost his kingdom, retaining only the reminiscence of it. This idea underscores the duplicity of human nature, great and wretched. In this paradoxical state, where greatness and wretchedness interconnect, the reminiscence of a perfect and fulfilling past collides with the imperfections and frustrations of the present, placing the human being in a dilemma: the incapacity to refrain from desiring truth and happiness, coupled with the impossibility of attaining both.

**KEYWORDS:** Pascal; happiness; *divertissement*; *ennui*.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baudelaire, C. (1926). *Petits poèmes en prose* (Le Spleen de Paris). Paris : L. Conard.
- Beugnot, B. (1988). “Apologétique et mythe moral: la méditation pascalienne sur le repos”. *Pascal, thématique des Pensées*. Paris : Vrin, p. 57-78.
- Birchal, T. S. (1993). “A marca do vazio: reflexões sobre a subjetividade em Blaise Pascal”. *Kriterion*, n. 88, p. 50-69.
- Brum, J. T. (2001). “Entre a filosofia e a fé (sobre ‘Pensamentos’ de Blaise Pascal)”. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 08. set., Caderno Ideias, p. 6.
- Kuhn, R. (1969). “Le Roi dépossédé: Pascal et l’ennui”. *The French Review*, vol. 42, n. 5, p. 657-664.
- Leopoldo e Silva, F. (2001) “Fé e razão na apologética cristã de Pascal”. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, v 11, p. 29-44.
- Maia Neto, J. R. (1996). “Uma interpretação pascaliana do filme ‘Conte d’hiver’, de Éric Rohmer”. *Revista de teologia e cultura*, n. 2, p. 11-19.
- Mesnard, J. (1993). *Les Pensées de Pascal*. Paris : SEDES.

- \_\_\_\_\_. (1988). “Le thème des trois ordres dans l’organisation des Pensées”. *Pascal, thématique des Pensées*. Paris : Vrin, p. 29-55.
- Montaigne, M. (2000-2001). *Ensaïos*. Ed. Pierre Villey (vols. 1 e 3). Trad. Rosemary C. Abílio. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Essais*. Édition de Pierre Villey, revue par V. Saulnier, conforme au texte de l’exemplaire de Bordeaux. Paris : PUF.
- Pascal, B. (1963). *Pensées. Œuvres complètes*, préface d’Henri Gouhier, présentation et notes de Louis Lafuma. Paris: Éd. du Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Entretien avec M. de Sacy sur Épictète et Montaigne*. Original inédit. Texte établi, présenté et anoté par P. Mengotti-Thouvenin et J. Mesnard. Paris : Declée de Brower.
- Oliva, L. C. G. (2012). “A noção de graça em Blaise Pascal”. *Cadernos Espinosanos*, 26, 25-45.
- Plutarque. (1951). “Vie de Pyrrhus”. *Les Vies des hommes illustres I*. Paris : Gallimard.
- Rohmer, É. (1992). *Conto de inverno*. Compagnie Éric Rohmer (CER)/Les Films du Losange/Canal+, França.